



INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO

**CURSO DE LICENCIATURA EM ASSESSORIA E
TRADUÇÃO**

Ano letivo 2013/2014

Trabalho de Estudos Interculturais

“Uma Visita a Portugal”

Hans Christian Andersen



Trabalho realizado por:

Marta Filipa Figueiredo Quinta n.º 2110187

Professor da Unidade Curricular

Doutora Clara Sarmiento

São Mamede de Infesta
Janeiro de 2014



Índice

Introdução.....	3
Desenvolvimento	4
♦ Hans Christian Andersen.....	4
♦ Dinamarca, em meados do século XIX.....	5
♦ A Quarta Dinastia em Portugal.....	5
♦ Portugal, em meados do século XIX	6
Uma visita a Portugal	7
♦ A origem da viagem.....	7
♦ O Povo.....	7
♦ Portugal vs. Dinamarca	8
♦ Locais visitados	9
♦ As portuguesas.....	10
♦ Tradições e romarias portuguesas	11
♦ A cortesia com Andersen.....	11
♦ A despedida	12
♦ Um viajante em Portugal, hoje em dia.....	12
♦ O que Andersen mais gostou	13
♦ Relação com os estudos de caso aprendidos	13
♦ A minha opinião.....	14
Conclusão	15
Anexos.....	16
Bibliografia / Webgrafia.....	17



Introdução

No contexto da unidade curricular de Estudos Interculturais, foi solicitado aos alunos, pela Doutora Clara Sarmento, a realização de um trabalho, com um tema à escolha, onde o pudéssemos interligar com a matéria aprendida na aula, no âmbito da interculturalidade.

Por essa razão e, entre algumas sugestões que a Professora apresentou, escolhi o livro “Uma Visita a Portugal”, de Hans Christian Andersen, pois adoro este escritor pela imaginação que tem e pela sua simplicidade e sensibilidade ao escrever contos infantis. Como só conheço essa vertente da sua escrita, quis experimentar ler um outro tipo de escrita, para outro tipo de público.

Esta viagem dá-nos uma perspetiva diferente de Portugal, uma perceção de quem vem de fora e que relata tudo o que vê. Interculturalmente, também nos situa há uns séculos atrás, por volta de 1866, e fala-nos da monarquia que preponderava na altura e como era o povo português.

Por último, esta narrativa relaciona-se com os três estudos de caso estudados em aula. Digo isto, porque os autores em causa viajaram, devido a diversas razões, mas, ao fazê-lo, descreveram tudo o que viram nas suas viagens, tudo o que viram de análogo e de diferente, tal como fez Andersen.



Desenvolvimento

♦ HansChristian Andersen

Hans Christian Andersen nasceu em Odense, na Dinamarca, no dia 2 de abril de 1805 e morreu no dia 4 de Agosto de 1875, em Copenhaga, também na Dinamarca.

Filho de um sapateiro e de uma lavadeira, aos 11 anos, após a morte do pai, foi viver para a capital, Copenhaga, a fim de tentar uma carreira artística.

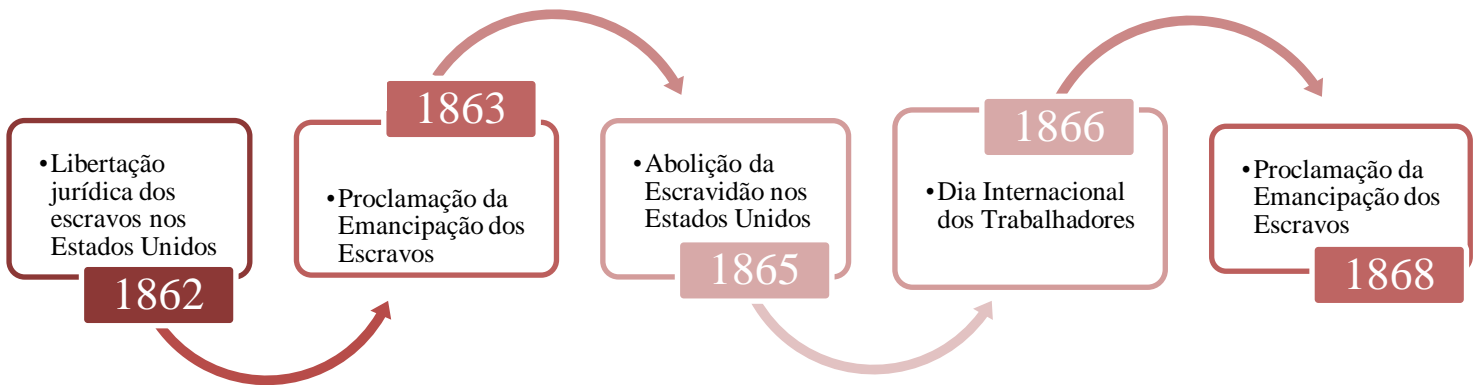
Foi ator, cantor e dançarino e, apesar das dificuldades enfrentadas, nunca desistiu. Sentia-se cada vez mais atraído pelo teatro e não parava de escrever peças e foi aí que começou uma trajetória na literatura. Duas das suas peças chegaram às mãos do conselheiro de Estado, que lhe ofereceu uma bolsa de estudos, permitindo-lhe estudar 6 anos na Escola de Slagelse, terminando o curso aos 22 anos.

Para sair da crise financeira que se vivia na altura, Andersen começou a escrever contos infantis e contos de fadas que foram divulgados rapidamente, dando-lhe a fama que ele tanto procurava e, hoje em dia, são conhecidos mundialmente.

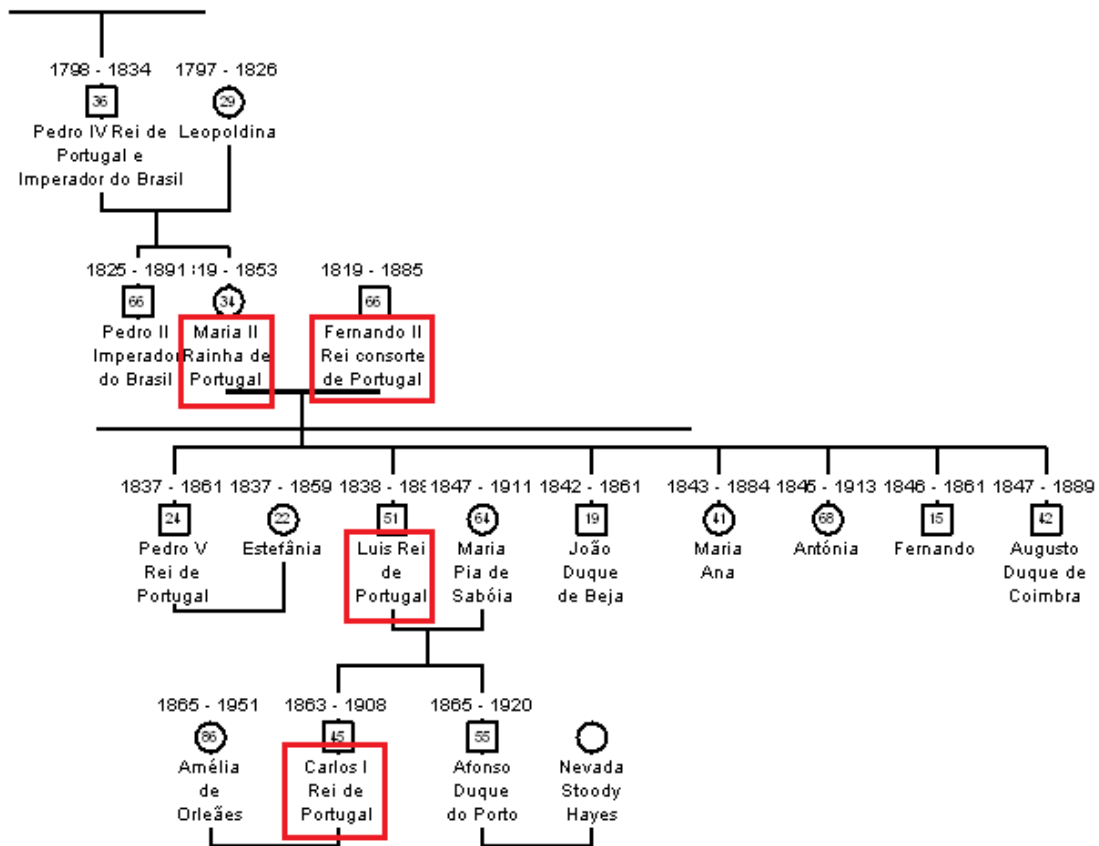
Em anexo, podemos ver um retrato do nosso escritor, na imagem n.º 1.



◆ Dinamarca, em meados do século XIX



◆ A Quarta Dinastia em Portugal



1

¹Os retângulos a vermelho, são os nomes das pessoas que pertenciam à realza, de que Andersen falava.



♦ Portugal, em meados do século XIX

1861

Morte de D. Pedro V e consequente subida ao trono do seu irmão D. Luís I de Portugal



1862

Casamento de D. Luís I com D. Maria Pia de Saboia



1863

Nascimento de D. Carlos I em Lisboa



1866

Morte de D. Miguel I, no exílio.



1869

Abolição da escravatura em todos os territórios



Uma visita a Portugal

♦ A origem da viagem

Hans Christian Andersen conheceu, em Copenhaga dois portugueses, José e Jorge O' Neill, filhos do Cônsul da Dinamarca e responsável por uma casa comercial, de grande prestígio, “Torlades O' Neill”, em Lisboa.

Passaram alguns anos sem terem notícias uns dos outros. Andersen era amigo de um compatriota que lhe pediu que ele lhe apresentasse alguém em Lisboa. Ele sugeriu-lhe O' Neill e escreveu-lhe uma carta. Assim surgiu a visita a Portugal, quando O' Neill lhe respondeu e convidou Andersen a visitar Portugal e ficar em sua casa.

Como se pode calcular, em 1866, as viagens não eram tão fáceis e cómodas de se fazerem, como são atualmente. Da Dinamarca até Portugal, Andersen passou por vários países e, em França, Bordéus, apanhou um navio cujo destino era o Rio de Janeiro, fazendo escala em Lisboa.

Devido ao mau tempo, o navio atrasou-se e, ao apresentar tantos perigos até ao fim da viagem, Andersen decidiu viajar por terra e partiu de comboio para Madrid, com destino a Portugal.

♦ O Povo

Talvez por Andersen ter vivido bem na altura, durante a sua viagem critica muito as pessoas pobres e os sítios que não gosta de visitar.

Por exemplo, em Espanha, onde já tinha estado, Andersen criticou os espanhóis. Talvez por terem sofrido algumas invasões e migrações, tinham caras escuras e sem graça, como ele próprio adjectivou e os funcionários do hotel onde ficou, eram “de trato pouco cortês”.



No barbeiro, Andersen comentou o aspeto dos homens que lá estavam, que tinham grandes barbas e estavam sujos e andrajosos. Para ele tudo foi desagradável, tanto os sítios que visitara, quanto as pessoas que viu.

Durante a viagem de Espanha para Portugal, viajou na companhia de um português, o qual classificou como sendo muitíssimo amável e atencioso. Os camponeses tinham longos capotes esfarrapados e chapéus que lhe davam um ar de bandidos. “Um magote de pedintes miseráveis, homens e mulheres, rodeou-nos em frente da pousada miserável, onde uma velha nojenta nos preparou chocolate”.

Já as pessoas com poses, com dinheiro, eram caracterizadas de maneira diferente. Por exemplo, os filhos de O’Neill, para Andersen, eram joviais e com rostos alegres. Também quando estava em viagem para a Dinamarca, havia uma senhora idosa no navio a quem roubaram alguns pertences, a bordo. Provavelmente, como deveria ter poses e deveria estar bem vestida, tratou-a de uma forma delicada, chamando-lhe de “senhora idosa” e não a adjectivou de velha, como costumava fazer.

Enquanto viajava para Aveiro, viu um guardador de porcos com os seus animais. Até comentou o facto de ser uma excelente ilustração da parábola das Escrituras. O homem estava sentado, a comer pão com queijo, bebendo água em vez de vinho. Andersen disse: “é tão fácil de contentar, o camponês português”. Claro que um guardador de porcos não tem muitas posses e, desde que tenha comida, é o que interessa. Mas, decerto que Andersen não percebe isso pois, apesar de dificuldades que tivera, nunca deve ter passado fome, ao contrário de muitos portugueses na altura.

♦ Portugal vs. Dinamarca

Durante a sua narrativa da viagem a Portugal, Andersen refere algumas comparações com o seu país de origem: Dinamarca. Tal como em Pinheiros, Andersen refere que os “montes continuam viçosos como na minha Dinamarca natal” e os “cactos, videiras, ciprestes arbustos, mas também flores e plantas que me recordam logo a Dinamarca”. Por isso, exprime mais do que uma vez que se sente em casa e que não tem saudades da “cidade que estava ali tão perto”.



Alguém, não identificado por Andersen, disse-lhe que “Isto aqui é tão sossegado e seguro como na Dinamarca”. Até quando a “velha casa” rangia, ele referia que era tudo tão parecido com a sua terra natal e, ele estava nas “milhas da sua pátria”.

♦ Locais visitados

Esta viagem a Portugal, fica marcada, certamente, pelos locais que Andersen visitou e frequentou. Ainda em Espanha, Badajoz, ficou num hotel muito bom, como afirma. Havia fartura de comida e bebida e os quartos eram confortáveis e agradáveis.

Pinheiros é o nome do “monte e do lugar onde aqui moramos”. Sim, moramos. Andersen refere que sente como se conhecesse a família O’Neill, a casa e os arredores, por isso, sente-se em casa e parte da família portuguesa.

Ainda em Pinheiros, passeou perto do Castelo de *Kenilworth*, onde ficou de mau humor por causa de cães que viu, por muita vegetação que havia no caminho, pelo ar pesado e repleto de odores de plantas apodrecidas.

Indubitavelmente, Andersen era religioso, pelas expressões em que se referia a Deus. Andersen foi à missa com a Senhora O’Neill e os seus filhos, nos domingos em que esteve em Portugal. Elogiou a música, dizendo que tinha um poderoso efeito, ainda que afirmasse: “embora executada por vozes femininas”. Mostra o seu machismo e, naquele tempo, era comum os homens serem assim, terem essas estruturas de pensamento de que as mulheres deviam estar em casa, cuidarem dos filhos e do marido.

Todavia, critica o centro da igreja onde frequentava. Tinha nichos com figuras de santos talhadas em mármore, “umas imagens idiotas horríveis”. Diz que é um “verdadeiro insulto ao puro mármore”.

Lisboa, pelo que Andersen lera, era uma cidade com ruas sujas, com cães vadios, “com deploráveis figuras dos colonos africanos que, com as suas barbas brancas sobre as negras peles e, carregados de doenças nojentas”. Felizmente, ele não vê nada disso, pois já não era nada assim, apesar que, talvez por visitar uma parte de Lisboa mais rica e produtiva, não viu as ruas sujas, que provavelmente existiam, mas numa parte oculta de Lisboa, como em bairros, tal e qual como ainda hoje existem. Caracterizou Lisboa como sendo formosa, leve, com estradas limpas, casas hospitaleiras, etc. É de reparar o facto



de ele ter lido “deploráveis figuras dos colonos africanos”, uma maneira muito mais subtil de chamar escravo a uma pessoa.

Andersen também fala do monumento em homenagem a Camões que ia ser erigido numa parte da cidade. A inquietação dele foi saber se o escravo de Camões iria estar representado no monumento e que, “seria uma censura perpétua à nação”.

Por conseguinte, após ler isso, lembrei-me logo do estudo de caso de Anna D’Almeida. Existia uma dicotomia entre ‘nós’ e ‘eles’, entre brancos e pretos. Existia um grande preconceito que é notado durante a leitura do livro. Anna afirma que os nativos são elementos dispensáveis da paisagem e que só devem existir para deleite do visitante europeu. Andersen não disse por essas palavras, não foi tão rude, mas percebemos que não gostaria nada se o escravo estivesse representado, apesar de não ser português, apreciou o quão importante foi Camões para a nação.

Foi ainda visitar Aveiro, onde disse que não foi agradável estar lá, disse que “a cidade em si não tinha nada de extraordinário”. Chamou àquele sítio, fastidioso.

Pelo contrário, gabou muito Coimbra, que era um sítio encantador e era a cidade universitária de Portugal. Fala dos trajés dos estudantes e quais as partes que o compõem.

De todas as cidades que visitou e que o acolheram, podemos reparar que, para o nosso viajante, Sintra é o local mais encantador e famoso de Portugal.

De facto, se os locais eram bonitos, Andersen apreciava e até os elogiava, como se não houvesse nada mais bonito no mundo; se não, já os deformava, com as suas palavras menos agradáveis.

O percurso que Andersen fez, tanto em Portugal, como da Dinamarca até Portugal, está representado em imagens, em anexo (n.º 2 e n.º 5).

♦ As portuguesas

Antes de chegar a Portugal, na viagem de autocarro, vê duas senhoras. Caracteriza uma delas como sendo velha e “vestida de forma algo miserável”. Já a outra, era muito bonita, estava bem vestida, era jovem e encantadora. Andersen até a compara com uma rosa, e afirma que é “a coisa mais bela que Badajoz”.



Inclusive na ida até Setúbal, de barco, Andersen comentava o facto das senhoras resguardarem-se com as suas sombrinhas, dado o calor que se sentia (ver imagem n.º 3 em anexo).

Somente em Aveiro, Andersen afirma que foi onde viu as primeiras caras bonitas de Portugal – “a beleza feminina realçada pelo traje escuro que lhe servia de plano de fundo”.

Constata-se, então, que Andersen é essencialista, ao reduzir um determinado grupo a uma característica.

♦ Tradições e romarias portuguesas

Em 1866, Andersen assistiu a uma das tradições portuguesas: a Festa de Santo António, em Setúbal. Ele viu “uma procissão inteiramente constituída por gente do mar”. Havia cantigas, músicas de flautas, gaitas e tambores e fogueiras. Atualmente, essa festa ainda existe, é muito popular e atrai muitas pessoas de todo o país, para assistir. Mas, com o passar do tempo, essa festa é mais marcada pelas marchas populares, que são grupos que dançam e cantam nas avenidas de Lisboa, no dia 12 de Junho (ver imagem n.º 4, em anexo).

Também haviam touradas, mas como Andersen diz, é melhor do que em Espanha. Pelo que ele conhecia das touradas espanholas, eram bárbaras e sangrentas e, em Portugal, “os chifres dos touros eram enfaixados para que os pobres dos cavalos não tenham de ser abatidos”. Hoje em dia, as touradas ainda existem em Portugal.

♦ A cortesia com Andersen

Eventualmente, durante a leitura, deparei-me com alguma cortesia por parte dos portugueses com o escritor e viajante Andersen.

Por exemplo, quando chegou a Portugal, içaram uma bandeira dinamarquesa, como forma de saudação a Andersen.

Inclusive em casa dos O’ Neill, onde Andersen morava, havia muita cortesia e delicadeza na forma de convivência com ele. Durante a sua estadia, a Senhora O’ Neill,



contava histórias interessantes da sua infância. Jorge, o filho mais velho, tocava piano. O filho mais novo, Artur, era de boa figura e muito vivaz. O pai, Jorge O' Neill falava com Andersen em dinamarquês, para se sentir confortável na sua língua materna.

Conheceu Castilho, apresentado por Jorge O' Neill. Andersen sentiu como se fossem amigos. Falaram em dinamarquês, mais uma vez, como forma de cortesia e delicadeza para com ele.

Andersen, viajante, uma pessoa de carisma, bem sucedida, foi recebido pelo Rei D. Fernando, pai do Rei D. Luís, no seu castelo. Vemos uma grande cortesia e amabilidade com Andersen, para ele se sentir bem e sentir que o povo português o recebe com cordialidade. O Rei foi tão bem educado que disse, na despedida: “Não digamos adeus; voltaremos a encontrar-nos”. Ficava-lhe bem dizer isso a um viajante de renome.

Posteriormente, Andersen apercebe-se desta cordialidade com que é recebido, nos mais diversos sítios, como até no navio para Setúbal, onde ele diz: “ (...) todos eles se mostravam amáveis e educados para com o estrangeiro”.

Até mesmo numa viagem longa até ao Monte de S. Luís, Carlos ia a pé e Andersen ia de burro. Depois, devido ao calor que se fazia sentir, o burro recusa-se a andar e Carlos vê-se obrigado a puxá-lo pelas rédeas para o fazer avançar. Isto mostra que Carlos foi educado e não deixou que o viajante fizesse a obrigação dele, que é tratá-lo da melhor maneira.

Embora Portugal vivesse períodos de enorme perturbação política e social, naquele tempo, foi possível a acalmia política. Desse modo, nunca se transmitiu esse transtorno para os viajantes, até porque Andersen nem referiu nada na sua narrativa.

♦ A despedida

Andersen despede-se do seu amigo O' Neill e da sua família que o acolheu durante um tempo na sua casa, em Portugal. Custou-lhe deixar o seu amigo e Sintra, cidade de que tanto gostou. Sentiu o coração oprimido pela tristeza. Questionava-se: “Voltaríamos a encontrar-nos de novo?”.

♦ Um viajante em Portugal, hoje em dia



A ideia de viajar em Portugal e, no resto do mundo alterou muito, desde os meados do século XIX.

Portugal é um dos 20 maiores destinos do mundo. Desde sempre, mas agora mais, oferece uma ampla diversidade de tradições e um forte orgulho no passado marítimo. Tem paisagens verdejantes e tem praias banhadas pelo sol e pelo Atlântico.

Lisboa é uma cidade vibrante e cosmopolita mas, nas proximidades como em Cascais e Sintra, até onde Andersen esteve, existem florestas encantadoras e bonitos castelos. No norte, o Porto é muito apreciado pelo seu vinho, o Vinho do Porto e pela região panorâmica do Douro. Para quem aprecia o sol e o mar, o Algarve é ideal.

A nível de hotéis, existem muitos, de 4 e 5 estrelas, muito luxuosos. A gastronomia também é muito apreciada pelos turistas e pelos portugueses.

Em relação aos turistas, a maior parte das pessoas já viajou para fora do seu país. Pode-se viajar tanto a nível profissional, como a nível pessoal, por entretenimento. As viagens estão acessíveis a todos, a todos os preços.

♦ O que Andersen mais gostou

Penso que, de maneira geral, Andersen gostou de tudo o que Portugal tem para oferecer. Ele sentiu-se em casa, quando pisou o solo português. Teve amigos que esperaram por ele e que lhe ofereceram hospitalidade. Diz que houve uma transição enorme de Espanha até Portugal: “foi como voar da época medieval para os tempos modernos”.

Refere, vezes sem conta e, por outras palavras, que havia um conforto moderno, uma beleza pitoresca em Portugal.

♦ Relação com os estudos de caso aprendidos

Sem dúvida, no meu ponto de vista, esta viagem, pelas razões que é feita, relaciona-se mais com o estudo de caso de Anna D’Almeida, “*A Lady’s visit to Manilla and Japan*”. Anna viajou por prazer, não por obrigação, tal como Andersen. Este tipo de viajantes ocasionais, nunca vêm as coisas do mesmo ponto de vista dos nativos do país



que vão visitar. Este tipo de viagens dá-nos uma visão única das práticas sociais, culturais e do quotidiano.

Podemos utilizar aqui a expressão “*culture is ordinary*”, pois Anna era uma mulher comum, tal como Andersen. Porém, ambos têm um estatuto socioeconómico elevado, que lhes permitem fazer este tipo de viagens. Ambos usufruem, porque pagaram. Têm essa cultura e poder.

Em todas as narrativas, ficava bem o escritor aventurar-se e escrever as suas histórias de coragem e de desafio ao longo da viagem. Por exemplo, quando Andersen foi à floresta com Carlos, ao Monte de S. Luís. Perdeu-se de Carlos e ficou completamente sozinho, longe de tudo e não sabia voltar para casa. Todavia, frisou que existiam por ali ladrões e temíveis javalis, pelo que era de louvar a sua coragem de estar ali, sem medo (como referiu), mas a apreciar o ar suave e quente e a natureza à sua volta.

Nas duas narrativas, Anna e Andersen, representam as estruturas de pensamento e sentimento que havia na época. Ainda existe uma empatia colonial global, ou seja, ambos os escritores sentem-se em casa, nas suas viagens contudo, Anna sente-se em casa, mas sem nunca entrar no espaço selvagem, como denomina.

♦ A minha opinião

Na minha opinião em relação à leitura deste livro, constato que Andersen era muito superficial, essencialista e materialista, na descrição que fez de Portugal, durante a sua viagem. Via Portugal como um teatro, com personagens e com um cenário. Interessava-se só pelo aspeto das pessoas e caracterizava-as logo, sem conhecê-las. Se visse uma pessoa com um aspeto menos apresentável, já era miserável e pobre. O mesmo se sucedia ao contrário: se visse uma pessoa jovem e esbelta, caracterizava-a com todas as qualidades de que se lembrava.

Também o considero machista, como a maioria dos homens era, mas era algo normal e que ninguém sequer ousava contestar, visto que eram as estruturas de pensamento e sentimento que vigoravam naquela época.



Conclusão

A realização deste trabalho foi, sem dúvida, uma mais-valia para mim. Penso que ao ler este livro, fiquei com uma perspetiva diferente, em relação ao tempo que se vivia na altura e, devido a isso, às mentalidades que as pessoas tinham e como se comportavam. Também tentei enquadrar-me em Portugal e vê-lo com outros olhos, com olhos de quem nunca tinha estado em Portugal e no ano de 1866, o que foi difícil e quase mesmo impossível.

Em geral, Andersen gostou do nosso país, das pessoas e dos locais que visitou. Normalmente, os portugueses criticam o país em que atualmente vivem. Não o elogiam em nenhum ponto de vista, o que está errado. Apesar do estado político e económico difícil que Portugal atravessa, os portugueses não devem generalizar essa ideia para tudo. Existem tantos aspetos bons e que vangloriam os portugueses. E é disso que nos devemos orgulhar. Felizmente, Andersen reparou no que de bom tem Portugal e elogiou grande parte do que viu e dos locais que visitou.

Uma dos aspetos que mais interessantes deste trabalho foi, para mim, o facto de eu tentar comparar e transpor o tempo da viagem para hoje em dia. Ao fazer isso, deparo-me com enormes diferenças, se é que existe alguma semelhança. Se Andersen fizesse essa viagem hoje, nada seria igual, tanto comparando com transportes, com as mentalidades das pessoas, como até com os locais que visitaria.

Por fim, concluo que este trabalho foi muito importante para que consiga perceber os ideais das pessoas que viviam naquela altura e as suas atitudes, resultado do tempo e da sociedade em que viviam.

Anexos

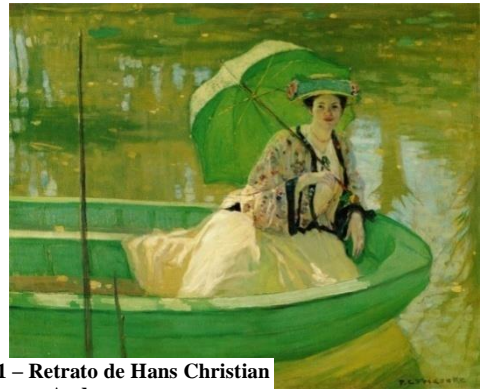


Imagem 1 – Retrato de Hans Christian Andersen

Imagem 3 – Pintura de uma senhora num barco, com a sua sombrinha





Imagem 2 – Cidades visitadas por Andersen, em Portugal. O que está assinalado a cor roxa, é em Pinheiros, que pertence a Lisboa.

Imagem 5 – Percurso da viagem da Dinamarca até Portugal

Bibliografia / Web grafia

- ◆ ANDERSEN, Hans Christian, *Uma Visita a Portugal*, trad. Margarida Gil Moreira, Lisboa, Ulmeiro, 2000
- ◆ [http://www.infopedia.pt/\\$hans-christian-andersen](http://www.infopedia.pt/$hans-christian-andersen)
- ◆ <http://purl.pt/768/1/>
- ◆ <http://educacao.uol.com.br/biografias/hans-christian-andersen.jhtm>
- ◆ <http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/marchas-populares-de-setubal/157>
- ◆ http://www.dn.pt/inicio/opiniaio/interior.aspx?content_id=2125907&seccao=Convidados
- ◆ <http://www.casarealportuguesa.org/dynamicdata/Cronologia.asp>
- ◆ <http://www.visitportugal.com/pt-pt>